

As outras histórias

Ou da necessidade delas

Manoel Fernandes de Sousa Neto



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/321>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.321

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Edição impressa

Data de publicação: 1 julho 2000

ISSN: 1519-1265

Referência eletrónica

Manoel Fernandes de Sousa Neto, « As outras histórias », *Terra Brasilis* [Online], 2 | 2000, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 14 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/321> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.321

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 novembro 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

As outras histórias

Ou da necessidade delas

Manoel Fernandes de Sousa Neto

- 1 Os sérios de plantão que me perdoem, mas este texto é, no mínimo, risível. Isto se dá porque, diante de certas questões só "nos ocorre reagir com o riso" (Gomes, 1979, 10). Explico, É que estou de acordo com as idéias de Roberto Gomes em seu livro *Crítica da Razão Tupiniquim*, quando diz:

"Embora tenhamos urna imensa mitologia construída em cima de nosso jeito piadístico, no momento de pensar não admitimos piada. Queremos a coisa séria. Frases na ordem inversa, palavras raras, citações latinas - e é impossível qualquer piada em latim, creio. Isto criou situações constrangedoras, como as fúteis críticas sérias a Oswald de Andrade, acusado de mero piadista. Estranha gente, esta. Gaba seu inimitável jeito piadístico, mas na hora das coisas 'culturais' mergulha num escafandro greco-romano" (GOMES, 1979: 10).
- 2 A primeira, talvez a mais urgente entre as coisas a dizer, refere-se à importância acadêmica e política da história de urna ciência para o conjunto daqueles que a fazem. Essa importância está inscrita, de algum modo, nas nossas ações presentes e não perdida no passado, olvidada por nosso temor de dar vida aos velhos fantasmas ou lembrada para um exercício meramente celebrativo da memória.
- 3 A história de uma ciência se faz necessária ao próprio processo de fazer ciência, logo é um imperativo e não algo de que se possa, simplesmente, abrir mão. Depois, a história de uma ciência ou disciplina científica não é resultado apenas de processos estritamente científicos, mas produto de uma série de opções interpretativas dos mesmos fatos que foram jogados no esquecimento. Por isso sempre haverá pessoas, muitas, defendendo que deixemos os mortos descansar em paz, porque seria um sacrilégio revirar o presente tumular, verdadeiramente morto em suas verdades e com sua lápide muito bem cimentada. Caso aceitássemos deixar as coisas tal como quiseram nos fazer acreditar nelas, certamente abandonaríamos os fatos ou suas interpretações oficiais à própria sorte e dispensaríamos, sem nenhum pesar, o concurso da História na apreensão do presente.
- 4 Por outro lado a História, pelo que já disse até aqui, nos ajuda a compreender nossa identidade, como sujeitos de e sujeitos a certos processos, como membros

participantes de uma comunidade científica. E todos sabemos bem que ninguém declararia publicamente, em sua consciência, participar impunemente de uma comunidade científica sem fazer opções por círculos de afinidade, como já dissera Berdoulay, comprometendo a si e aos outros, estabelecendo politicamente programas para a ciência e fazendo ciência mediante certas concepções políticas, ainda que muitos neguem ou finjam, para si mesmos, não fazerem política e ainda desejarem que os outros acreditem nisso.

- 5 Um bom exemplo disso está no livro de François Dosse - A História em Migalhas - quando fala de Emmanuel De Martonne, do gerno de Vidal de la Blache, que substituiu o sogro na Sorbonne em 1909.

"De Martonne foi o organizador desse enquadramento [de monografias regionais] vidaliano, ao multiplicar as cabeças-de-ponte da geografia nova não somente em Paris como também na província. Os geógrafos, além de dotados de uma revista que se toma órgão oficial, os Annales de Géographie, desde 1891, também multiplicam nos anos 20 e 30, as revistas de geografia regional para prolongar seus estudos monográficos. Por outro lado, De Martonne funda a Associação dos Geógrafos Franceses, consegue a abertura do Instituto de Geografia de Paris em 1923, preside em 1921 a criação do Comitê Nacional de Geografia e lhe confia a organização do Congresso Internacional de Paris em 1931 pela União Geográfica Internacional ... " (1992: 33)

- 6 E as crenças, quando não se faz a história de uma ciência, tendem a ser muitas. Acredita-se em vertentes epistemológicas hegemônicas como se fossem as únicas; harmoniosas como se sua emergência não houvesse resultado de conflitos vários; ultimadas como se não houvesse mais o que discutir sobre elas. E embora a ciência seja, para muitos, uma crença, é preciso dizer que ciência nenhuma sobrevive de credices ou profissões de fé. E assim, metaforicamente falando, fazer história da ciência é como seguir fielmente o exemplo cristão e quebrar o estabelecido conjunto de bancas dos mercadores do templo.
- 7 Infelizmente não basta, em história da ciência, a ação particular e abnegada de um ou outro herói, cristão ou ateu, que sozinho, vai, de modo quixotesco, desarrumar o sólido estado da obra de arte. É preciso pois, por fim a essa idéia de que se deve fazer história da ciência de quando em vez, ao sabor das brisas, artesanalmente, por deleite ou como apêndice de uma área que exige trabalho sério e abnegado.
- 8 Em história ela ciência também é preciso que haja um trabalho sério e abnegado, estabelecido a partir de um programa coletivo de investigação, balizado por certas práticas e referenciada por métodos amplamente discutidos. E essa necessidade se dá porque é preciso começar a rir, desdenhosamente, do velho estigma de que, aqueles que fazem a história da sua ciência, fazem apenas história, não fazem mais ciência. Na realidade o foco é outro, não podemos mais é permitir que se faça qualquer história da ciência, para que continuem a fazer qualquer coisa em nome da ciência.
- 9 É por isso que sacudir livros ou documentos empoeirados causa, em tanta gente, problemas respiratórios e complicações alérgicas de toda ordem. Para alguns seria melhor, bem melhor, entregar em definitivo os vocábulos envelhecidos, parafraseando Marx, à crítica destruidora das traças. Entretanto não podemos, em nenhuma hipótese, permitir que as traças saibam mais das coisas que nós. O que de certa forma coloca para os que fazem história da ciência, uma difícil tarefa: lutar contra as traças e seus aliados mais inconfessos. E essa luta é meio desigual porque as traças estão décadas, as vezes séculos, à nossa frente. Então a gente não pode se armar só de boas intenções

passageiras, na luta contra essa barbárie, nós precisamos também de políticas que permitam a todos e não apenas às nossas pequeninas leitoras, o acesso às fontes.

- 10 E o acesso às fontes é sempre mais difícil quando elas não foram, ou não são, consideradas como coisas importantes, como fontes. No caso da história da ciência em países colonizados, a questão das fontes é ainda mais dramática, quando muitos pensaram e pensam, que apenas os civilizados fizeram e fazem ciência e, logo, só havia e há uma história da ciência possível, nesse caso, a deles, dos civilizadores. Moral desse pequeno conto ocidental: para alguns colonizados só é possível uma história da ciência onde houve ciência. Idéia, entre nós, é evidente, deliberadamente favorável às traças.
- 11 Sintoma disso é que boa parte das nossas melhores fontes nessa área estão na Europa. Já no Brasil, por exemplo, é necessário reconstituir as fontes, achá-las, recuperá-las. Muitas delas estão não em instituições de pesquisa ou bibliotecas públicas, mas dispersas pelas casas de um sem número de importantes anônimos que montaram, por conta própria, acervos interessantíssimos. Por isso, as vezes, o acesso à certas fontes se dá por pura obra e arte do divino espírito santo.
- 12 E se faz necessário que não apenas saibamos quais são as fontes, mas onde encontrá-las e os modos de fazê-lo é preciso, portanto, uma sólida política de pesquisa na área, para que a história da ciência, entre nós, não continue a ser obra de aventuras pessoais. Meritórias por certo, muitas delas, mas muito distantes de uma tessitura coletiva articulada e profunda.
- 13 Essa dificuldade com as fontes, deriva em muito, ainda, de muitos acharem que fazer uma história da ciência é fazer uma história das instituições, pessoas, escolas e idéias que, digamos assim, deram certo, foram adiante, fizeram sucesso. Quase ninguém parece querer contar as histórias que foram colocadas fora da História, digamos assim, não é importante saber quem foram os carpinteiros do cavalo de Tróia mas, cá entre nós, aqueles carpinteiros eram geniais.
- 14 E entre nós, aqueles que se arriscaram a tal empreitada, fizeram, não raras vezes, uma história internalista, baseada apenas no restrito campo das suas respectivas ciências e, em muitos casos, o mais distantes possível de uma contextualização histórica das sociedades daqueles presentes históricos. Fenômeno esse que acabou por reforçar, em muito, a característica de especialização disciplinar e difundir, como produto dessa concepção, a prática do nós conosco, onde nós falamos para nós mesmos e fechamos os ouvidos para o mundo exterior.
- 15 Não por acaso aqueles que não fazem parte do nosso pequenino mundo disciplinar, quase familiar, costumam ser olhados com estrangeira desconfiança e tidos como uma ameaça a nossa integridade corporativa. Essa característica é ainda mais presente quando se trata de ciências em processo de consolidação institucional e, caso isso aconteça em países de passado colonial, o medo do outro passa a ser ainda maior.
- 16 Esse temor revela uma certa inconsistência interna, um certo processo de maturação, em que se busca primeiro saber quem é para depois saber quem são os outros, coisa necessária à consolidação da alteridade. Entretanto, essa construção só ocorre na medida em que se entra em contato com o outro, em que há uma relação. Por isso não podemos fazer de uma disciplina científica uma espécie de conversa cifrada, em que só conversamos entre nós e nunca com os outros.
- 17 Esse isolamento, no caso de algumas ciências levou, muitas vezes, os poucos que a produziram, à produção de uma história internalista, naquele sentido mesmo ele

construir talvez uma espécie de memória disciplinar, muitas vezes puramente hagiográfica, quase uma história pátria ou santificada da disciplina científica. E como não podia deixar de ser diferente, essa forma de fazer história da ciência acabou por reforçar o isolamento e disseminar a desconfiança nos estrangeiros, mas, pior que isso, ela acabou por proporcionar uma História fora da História, uma história descontextualizada, uma tradição seletiva com fortíssima inércia. Romper essa tradição exige um imenso esforço. Por um lado é preciso convencer os próprios pares, por outro lado tomar pares os antigos bárbaros.

- 18 Estas coisas todas que disse se aplicam à tardia ciência geográfica em um país de capitalismo tardio, como é o Brasil. A história aqui, no concernente à ciência ou pensamento geográfico, veio beber na perspectiva externalista ou trabalhar com as estratégias institucionais das comunidades científicas de que fala Capel, somente depois da década de oitenta do nosso século e de modo bem acanhado.
- 19 Não por acaso, boa parte dos trabalhos que conhecemos sobre pensamento geográfico no Brasil têm, como data recorte para periodização, o ano de 1934. Uma história geralmente internalista, baseada na ciência que deu certo, linear do ponto de vista da abordagem histórica e não raro, factual.
- 20 Uma das explicações para isso é que a área de história do pensamento geográfico ou história social da ciência geográfica, sempre funcionou como segunda opção para os pesquisadores de outras áreas da Geografia, algo que se fazia quando havia uma necessidade emergencial ou para nutrir uma luta política institucional. Por isso mesmo sempre se fazia uma história, diria assim, nos interstícios, casual, artesanal.
- 21 Além disso é enorme o preconceito enfrentado, porque, para muitos, história e ciência geográfica, não é Geografia. Preconceito daqueles que lutam contra toda forma de historicismo, daqueles que trabalham com uma espécie de Geografia aplicada, daqueles que vêem essa área como um perigo manifesto para situações já, longinquamente consolidadas.
- 22 Claro que há desdobramentos com relação a isso. É difícil, por exemplo, conseguir financiamento para pesquisa; a aceitação, mesmo entre os pares, da validade da investigação; espaço para discutir dentro do fechado circuito dos eventos ou publicações da área.
- 23 Não por acaso, por um bom tempo, nos sentíamos estrangeiros em nossa pequena aldeia, meio isolados em termos de interlocução. Geralmente circulamos mais nas outras áreas do que em Geografia; dialogamos mais com historiadores, sociólogos, filósofos, biólogos, matemáticos do que com geógrafos; em 1996, por exemplo, no Encontro da AGB, para que houvesse uma discussão sobre história do pensamento geográfico, criaram um eixo temático chamado Geografias Puras, Geografias Impuras.
- 24 Outro desdobramento dessa nossa tradição é, ainda, a permanência de uma história do pensamento geográfico no Brasil, dentro e fora das universidades, para não dizer de muito má qualidade, quando ela existe, pelo menos grandemente falha. O que permite, a muitos, proferir uma história estereotipada da Geografia no Brasil e pronunciar muitas verdades que não resistiriam ao resultado preliminar de algumas investigações.
- 25 Exemplo dessa realidade é o pouco que se conhece da história do pensamento geográfico no Brasil anterior a 1930. Há alguns trabalhos mais conhecidos, como os escritos por José Veríssimo, Ab'Saber e Chistofolletti, Lia Osório Machado, dentre outros, mas quase todos de restrita circulação no meio geográfico acadêmico.

- 26 Por isso, não por acaso, mediante as tarefas colocadas, sentimos a necessidade de estabelecer um programa de trabalho. Como somos poucos e desconhecidos, pareceu a muitos que a proposta não vingaria ou, ainda, que tudo não passava de mais uma boa piada brasileira. Entretanto ocorreu contrário. Em bem pouco tempo, não mais que dois anos, foi feita uma espécie de censo dos pesquisadores em História do Pensamento Geográfico no Brasil, estabeleceu-se com estudiosos de história da ciência e elas idéias um contato muito profícuo, realizou-se um I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e, agora, publica-se uma revista temática nomeada de Terra Brasilis.
- 27 E está claro, nos parece, que se há uma imensa lacuna nessa área, há também um desejo muito forte de preenche-la. Nesse sentido as pessoas, das mais diferentes instituições e das diferentes linhas de investigação, tem abraçado essa idéia e dado vitalidade àquilo que é uma necessidade da comunidade geográfica em particular e da comunidade científica como um todo.
- 28 Foi por essa razão que a proposta de um programa de trabalho ganhou e ganha densidade, atrai pessoas e delineia um conjunto muito interessante de possibilidades. Nesse caso, ganha corpo uma proposta muito séria, ainda que risível, ele lutar contra os silêncios do passado para falar com mais consistência do presente.
-

BIBLIOGRAFIA

BERDOULAY, Vincent. (1981): La Formation de L'École Française de Géographie (1870-1914). Mémoires de La Section de Géographie, n. 11. Paris, Bibliothèque Nationale.

CAPEL, Horacio. (1983). Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea. 2ª ed., Barcelona: Barcanova.

_____. (1977). Institucionalización de la Geografía y Estrategias de la Comunidad Científica de los Geógrafos. Barcelona: Barcanova.

DOSSE, François. (1994). A História em Migalhas. 3ª ed. Campinas: Ensaio/Editora Unicamp.

GOMES, Roberto. (1979). Crítica da Razão Tupiniquim. 3ª. Porto Alegre: Movimento.

AUTOR

MANOEL FERNANDES DE SOUSA NETO

Professor do departamento de geografia da Universidade Federal do Ceará